

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“No meu tempo...” – A diferença geracional na relação
entre papéis de género e bem-estar**

Rita Luís Silva Camilo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia Clínica Sistémica

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“No meu tempo...” – A diferença geracional na relação
entre papéis de género e bem-estar**

Rita Luís Silva Camilo

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Picão Fernandes Da
Gama Minas**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia Clínica Sistémica

2019

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Minas, pelo apoio, dedicação e disponibilidade, por me “obrigar” a pensar e refletir sobre tudo, até à mais pequena dúvida ou pormenor de uma investigação, por ter abraçado comigo esta aventura no seu primeiro ano como professora da faculdade, um ano sem dúvida de grande crescimento para ambas, e, acima de tudo, por fazer nascer e crescer em mim o bichinho da investigação.

Às várias instituições seniores e à Professora Doutora Ana Serôdio da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa que me receberam para que eu pudesse apresentar o meu projeto de investigação e assim recrutar a minha amostra.

A todos os participantes, porque sem eles não era possível chegar aqui, porque me fizeram crescer e aprender, por serem um mar em que tive o privilégio de mergulhar, uma terra que tive o prazer de explorar.

À minha avó, pelo “cá te espero para o jantar” todas as noites, com carinho e dedicação, por cuidar de mim e pelos mimos que só uma avó sabe dar. Obrigada ‘vó.

Aos meus pais, pelo amor e enorme paciência, por respeitarem o meu espaço, por me deixarem dedicar por inteiro à faculdade, por saber que chego a casa e estão lá para mim.

À minha irmã, Sara, por ser a minha *Wikipedia*, a minha gramática, a minha confidente, a minha amiga, pelas noites em que me fez companhia a estudar, pelas noites em que adormecemos mais tarde a conversar, por partilhar o seu nome comigo, por ser a minha inspiração para fazer mais e melhor.

À Mariana, por estar comigo desde sempre, por me oferecer um apoio incondicional e ser como uma irmã para mim, por ser aquela a quem eu vou poder sempre recorrer; sem esquecer também a ajuda neste trabalho.

À Dani, à Marta e à Patri, por todo o apoio e amizade, por todo o percurso académico que partilhámos, por todo o apoio extra faculdade que me deram nestes últimos cinco anos, por me aceitarem e gostarem de mim exatamente como eu sou, por serem aquelas que vou levar para a vida. Um obrigada especial à Patri, que tanto me ajudou a fazer esta dissertação, pelas conversas de onde surgem sempre as minhas ideias de investigação e pela motivação nas longas jornadas de trabalho neste projeto.

Para a minha irmã, que continue a caminhar na abertura dos seus horizontes.

Resumo

Os papéis de género funcionam como organizadores da forma como os indivíduos interagem, impactando nas suas vivências em sociedade. Vários estudos quantitativos têm revelado associações dos papéis de género com maior ou menor bem-estar. Este estudo foca os papéis de género e a sua relação com o bem-estar em duas gerações: jovens e seniores. São objetivos desta investigação analisar as crenças e atitudes relativas aos papéis de género em duas gerações diferentes, conhecer a manifestação dos papéis de género nos vários sistemas em que os indivíduos estão inseridos, e perceber como indivíduos de diferentes gerações e diferentes sexos percecionam os papéis de género e o bem-estar. Para tal, 15 indivíduos participaram numa entrevista semiestruturada individual, 8 jovens (3 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), com média de 19,5 anos de idade, e 7 seniores (1 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), com média de 81,9 anos de idade, pertencentes a instituições de ensino do concelho de Lisboa. Para a análise dos dados recorreu-se ao método da análise temática, com recurso ao *software* N-Vivo 12. Os resultados salientam um ideal de igualdade entre papéis de género, comum entre gerações e sexos. Na prática, esse ideal nem sempre se verifica, com uma sobrecarga da mulher ao nível doméstico e na articulação trabalho-família e um acesso a mais oportunidades do homem a nível laboral. Outras dimensões de género também revelaram desigualdades, como o tipo de investimento com os filhos e o nível de poder. Na relação com o bem-estar, os resultados mostram um maior bem-estar na mulher quando há uma partilha das tarefas domésticas e um maior bem-estar no homem quando há essa partilha ou, pelo contrário, quando o homem contribui menos. Já a dificuldade de articulação dos papéis no trabalho e na família revelou-se relacionada com o mal-estar em todos os participantes. Nas mulheres, também se encontrou uma associação entre perceção de apoio recebido e maior bem-estar e falta de apoio recebido e mal-estar.

Palavras-chave: papéis de género, bem-estar, intergeracionalidade.

Abstract

Gender roles work as a way to organize how individuals interact, being essential in the society, impacting in their experiences in society. Several quantitative studies have revealed associations between gender roles and welfare. This study focuses on the gender roles and its relation with wellbeing in two different generations: youth and seniors. The purposes of this research are to analyze the beliefs and attitudes regarding the gender roles in two different generations, to understand how do the gender roles are displayed in the different systems where the individuals belong and to understand how individuals from different generations and sexes perceive gender roles and well-being. In order to achieve this, 15 participants participated in one semi-structured individual interview, 8 youngsters (3 male and 5 female), with an average age of 19.5 years and 7 seniors (1 male and 6 female), with an average of 81.9 years old, belonging to education institutions within the Lisbon region. The thematic analysis method was used in order to perform data analysis, using N-Vivo 12 software. The results emphasize an ideal of equality between gender roles, common amongst generations and sexes. In reality, that ideal doesn't always become true, with an overload of woman at home and struggling with the work-family balance and with men enjoying more work opportunities. Other gender dimensions also revealed inequalities, like the time spent with the children and the level of power. With regard to well-being, findings show a greater well-being in women when the domestic duties are shared and in men when these roles are shared or, otherwise, when they contribute less. On the other hand, the articulation of roles respecting work and family, emerged associated with discomfort in all participants. For women, an association between the received support and a greater well-being and the lack of support and discomfort was also perceived.

Key-words: gender roles, well-being, intergenerationality.

Índice

Introdução	1
Enquadramento teórico	2
Operacionalização dos papéis de género, suas crenças e atitudes.....	2
Crenças e atitudes relativas aos papéis de género na sociedade	3
Construção social dos papéis de género	4
Papéis de género e bem-estar	5
Metodologia	6
Participantes	6
Instrumentos	7
Procedimentos	7
Resultados	8
Temas e subtemas identificados	9
Cruzamentos entre temas e subtemas	19
Discussão	22
Conclusão.....	30
O presente estudo	30
Limitações	31
Direções futuras.....	31
Referências.....	32
Apêndice I – Dimensões emergidas nos dados	36

Introdução

Todos nós já ouvimos expressões como “o homem deve cheirar a pólvora e a mulher a incenso”, “do homem a praça, da mulher a casa”, ou ainda “mulher à vela, marido ao leme”, que aludem à dimensão social dos papéis associados aos indivíduos conforme o que é esperado do seu género.

O presente estudo enfoca os papéis de género e a sua relação com o bem-estar em indivíduos de diferentes gerações. Mais concretamente, pretende responder às seguintes questões: (1) qual a relação entre papéis de género e bem-estar?, e (2) qual a diferença geracional na relação entre papéis de género e bem-estar?.

Assim, ter-se-á como objetivo geral neste estudo compreender a relação entre papéis de género e bem-estar em indivíduos de diferentes gerações. Como objetivos específicos pretende-se: (a) analisar as crenças e atitudes relativas aos papéis de género em duas gerações diferentes; (b) conhecer a expressão dos papéis de género nos sistemas em que os indivíduos estão inseridos, através do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (ver Bronfenbrenner, 1977); (c) perceber como indivíduos de diferentes gerações percecionam os papéis de género e o bem-estar; e (d) perceber como indivíduos de diferentes sexos percecionam os papéis de género e o bem-estar.

A literatura nesta área, assente predominantemente em metodologias quantitativas, vem revelando a existência de uma relação entre papéis de género e bem-estar. Neste estudo, recorreremos a uma metodologia qualitativa, com vista a fazer uma exploração mais profunda dos significados, expressões e perceções dos participantes sobre o tema. Ao mesmo tempo, e como sugerido por Kulik (2004), adotamos como base teórica o modelo bioecológico de Bronfenbrenner, em particular na construção do guião de entrevista, procurando assim trazer contributos diferenciados e originais para a teoria.

A estrutura do presente estudo integra um enquadramento teórico focado nos papéis de género, seguido da descrição da metodologia utilizada para levar a cabo os objetivos propostos. Posteriormente, inclui a apresentação dos resultados obtidos e a discussão dos principais resultados em articulação com a literatura já existente. Por fim, uma conclusão onde se apresenta uma reflexão crítica sobre o presente estudo, sugestões para futuras investigações e uma reflexão sobre potenciais implicações desta investigação.

Enquadramento teórico

Operacionalização dos papéis de género, suas crenças e atitudes

Chrisler (2004) apresenta a distinção entre sexo e género. Sexo diz respeito à classificação segundo as características biológicas relacionadas com a capacidade reprodutiva. Género diz respeito à classificação segundo as características psicológicas e comportamentais, atividades sociais e expectativas culturais, podendo ou não refletir o sexo biológico (Chrisler, 2004; Ribeiro, 2002). Como referem Luhaorg e Zivian (1995), o desenvolvimento de instrumentos que permitem analisar e caracterizar os papéis de género permitiu demonstrar que homens e mulheres podem ter um papel de género masculino (identificar-se predominantemente com traços masculinos), um papel de género feminino (identificar-se predominantemente com traços femininos), um papel de género andrógino (identificar-se simultaneamente com traços masculinos e femininos) ou um papel de género indiferenciado (não se identificar predominantemente com traços masculinos ou femininos).

Quando há um conjunto de traços e características que se acredita ocorrerem com maior frequência num sexo do que no outro, estamos perante estereótipos de género (Best & Foster, 2004). Estes são originados a partir de crenças sobre os papéis de género, resultantes de perspetivas individuais e socialmente generalizadas, relativamente a temas como a divisão de tarefas ou a distribuição de poder entre homens e mulheres (Ribeiro, 2002; Van de Vijver, 2007).

Quando estamos perante uma ideologia mais tradicional, que apresenta a distinção entre papéis de género feminino e masculino, é esperado que as mulheres sejam as principais responsáveis pelo lar, pelo cuidado dos filhos e pela manutenção dos relacionamentos (Baxter & Western, 1998; Kaufman, 2000; Van de Vijver, 2007). São vistas como seres mais sensíveis e frágeis, devendo trabalhar no seio da família, na esfera privada, e assumir o suporte emocional do sistema familiar (Pimenta, 2011). Por outro lado, é esperado que os homens sejam os principais responsáveis por tarefas como tratar do jardim e fazer a manutenção e melhorias na casa, bem como pelo apoio financeiro da família, assumindo um papel público na comunidade (Baxter & Western, 1998; Pimenta, 2011; Van de Vijver, 2007).

Perante uma ideologia mais igualitária, as mulheres não são unicamente associadas à família, as relações de poder desiguais são contestadas e considera-se que o trabalho doméstico deve ser dividido entre homem e mulher (Piña & Bengtson, 1993). Vários estudos associam crenças mais igualitárias a indivíduos mais jovens (Kulik, 2004; Poeschl, 2000; Sweeting,

Bhaskar, Benzeval, Popham, & Hunt, 2013; Van de Vijver, 2007), com maior nível educativo (Amâncio & Wall, 2004; Kulik, 2004; Sweeting et al., 2013; Van de Vijver, 2007), com menores níveis de religiosidade (Kulik, 2004). As crenças igualitárias estão ainda associadas ao sexo feminino, em particular a mulheres solteiras (Poeschl, 2000), com maiores rendimentos, com empregos a tempo integral e com independência económica (Kulik, 2004) e ao sexo masculino, mais especificamente a homens com carreiras tradicionalmente menos associadas ao papel masculino, como professores de educação básica (Dodson & Borders, 2006).

Contudo, as crenças (cognições) e as atitudes (ações) de um indivíduo relativamente aos papéis de género nem sempre são condizentes. Por exemplo, Poeschl e Silva (2001) descobriram que alguns indivíduos pertencentes a uma população reconhecida como progressista, apesar das suas crenças mais igualitárias, apresentavam atitudes tradicionais.

Crenças e atitudes relativas aos papéis de género na sociedade

Os estudos mostram que na sociedade ocidental existem desigualdades ao nível dos papéis de género, o que contradiz com as crenças igualitárias em que esta se tem vindo a basear cada vez mais (Poeschl, 2000). No entanto, como Baxter e Western (1998) referem, estas desigualdades nas atitudes (como por exemplo, divisão desigual do trabalho doméstico) são, por vezes, legitimadas por visões tradicionais das responsabilidades relativas aos diferentes papéis de género. Num estudo realizado a nível mundial, verificou-se uma grande desigualdade entre géneros na maioria dos países avaliados e uma forte correlação entre essa desigualdade num país e o seu desempenho económico. Apesar disso, constatou-se um progresso rumo à igualdade, ainda que muito lento. Nesse mesmo estudo, Portugal ocupa a posição 37 do índice global de entre os 149 países, com ligeiros avanços em relação ao relatório do ano de 2006 (World Economic Forum, 2018).

Os papéis de género manifestam-se em áreas como a distribuição de poder, onde, geralmente, o homem detém mais poder no casal, o que pode ser explicado pelo facto de o homem também deter mais poder na sociedade em geral e pela existência de expectativas generalizadas de que assim seja (Felmlee, 1994). Ou seja, uma relação em que o poder não seja detido pelo homem será menos aceite socialmente e, portanto, menos satisfatória para ambos os cônjuges (Poeschl, 2000). A tendência de atribuir maior poder e “estatuto” aos homens gera expectativas de que estes são mais competentes do que as mulheres e conduz a uma

sobrevalorização dos traços estereotípicos masculinos e a uma desvalorização dos femininos (Ribeiro, 2002).

Poeschl (2000) refere que a desigualdade não significa forçosamente injustiça, pois dependerá do que o indivíduo perceciona como justo e equitativo. A literatura mostra que, independentemente da forma como o poder e as tarefas domésticas são distribuídas, homens e mulheres podem considerar essa organização justa (Baxter & Western, 1998; Felmlee, 1994). Ainda assim, as mulheres, mais do que os homens, consideram que a partilha das tarefas domésticas não é equilibrada (Amâncio & Wall, 2004).

O ingresso no mercado de trabalho não diminuiu a expectativa social acerca da responsabilidade das mulheres com os cuidados da casa e da família, levando ao desgaste e sobrecarga com uma jornada de trabalho dupla (Guedes, Silva, & Coelho, 2007). Apesar disso, cerca de 40% das mulheres inquiridas no estudo de Baxter e Western (1998) disseram estar muito satisfeitas com a divisão dos cuidados com as crianças e cerca de 45% mostraram-se muito satisfeitas com a divisão das tarefas da casa, sendo que apenas cerca de 14% das mulheres relataram insatisfação.

Os estudos mostram ainda que atitudes igualitárias estão associadas a maior insatisfação face à divisão de tarefas domésticas do que atitudes tradicionais (Baxter & Western, 1998; Buunk, Kluwer, Schuurman, & Siero, 2000). A explicação para isto pode ser o facto de, para alcançar e manter uma divisão relativamente equitativa, requerer o exercício de pressão regular sobre o cônjuge para fazer a sua parte. Assim, a constatação da desigualdade na distribuição das tarefas domésticas revela-se mais angustiante para mulheres com crenças e atitudes igualitárias do que para as mulheres com crenças e atitudes tradicionais (Buunk et al., 2000).

Construção social dos papéis de género

A distinção entre masculino e feminino acarreta uma função organizadora básica para toda a cultura humana (Bem, 1981). A cultura, em interação com a biologia, irá estabelecer, fixar, manter e amplificar a diferenciação dos papéis de género masculinos e femininos, conferindo-lhes a dimensão de papéis sociais (Ribeiro, 2002).

O género e os papéis de género estão envolvidos nas diversas atividades realizadas entre indivíduos, conferindo-lhes um carácter relacional e de construção cultural e social e refletindo o sistema em que se expressam (Ribeiro, 2002; Woodhill & Samuels, 2003).

O sistema familiar transmite e mantém a diferenciação entre homens e mulheres e as crenças associadas aos papéis de género, mesmo que os indivíduos se considerem diferentes

da geração anterior, sendo essas diferenças não tão amplas como pensam (Bem, 1981; Pimenta, 2011; Poeschl, 2000; Taylor & Segrin, 2010). Assim, a exposição a esses esquemas culturais e estereótipos de gênero contribui para a sua internalização e para profecias autorrealizáveis (Bem, 1981; White & Gardner, 2009). Para além da transmissão familiar, as crenças sobre os papéis de gênero podem ser transmitidas, ao longo da vida, pela aculturação, isto é, pela adaptação de um indivíduo à cultura de um determinado grupo. A aculturação leva a que, por exemplo, pequenos grupos culturais com crenças mais tradicionais sobre os papéis de gênero alterem as suas opiniões de forma a ajustarem-se a um grupo maior com crenças menos tradicionais (Van de Vijver, 2007).

Papéis de gênero e bem-estar

Diversos estudos referem que a desigualdade nos papéis de gênero contribui para uma redução do bem-estar biopsicossocial (Guedes et al., 2007, Van de Vijver, 2007). Por outro lado, foram encontradas relações entre manifestação do papel de gênero masculino e maior bem-estar (Whitley, 1985; Wolfram, Mohr, & Borchert, 2009; Woodhill & Samuels, 2003), androginia e maior bem-estar e saúde psicológica (Whitley, 1985; Wolfram et al., 2009; Woodhill & Samuels, 2003), conflito de papéis de gênero, isto é, inconsistência entre as expectativas da sociedade e as atitudes relativas aos papéis de gênero, e menor bem-estar (Pimenta, 2011; Wolfram et al., 2009), inconsistência entre crenças e atitudes relativas aos papéis de gênero e menor bem-estar (Piña & Bengtson, 1993).

Os estudos desenvolvidos que relacionam papéis de gênero e bem-estar psicológico têm por base três modelos teóricos: modelo da congruência, modelo da androginia e modelo da masculinidade (Whitley, 1985). O modelo da congruência baseia-se no pressuposto de que as manifestações dos papéis de gêneros masculino e feminino ocupam polos opostos, com orientações mutuamente exclusivas e incompatíveis; assim, a congruência entre a manifestação de um papel de gênero e o sexo do indivíduo seria necessária e estimularia o bem-estar. Por exemplo, Wolfram e colaboradores (2009) descobriram que a manifestação do papel de gênero feminino estava associada a menor satisfação no trabalho em professores do sexo masculino quando o conflito de papéis de gênero era alto, ao contrário da masculinidade que estava associada a maior bem-estar, apoiando este modelo. O modelo da androginia considera que a masculinidade e a feminilidade são dimensões independentes e complementares, sendo que os indivíduos podem ser andróginos, ao incorporarem um alto grau de ambas as dimensões, ser masculinos ou femininos, ao incorporarem um alto grau numa das dimensões e baixo na outra,

ou ser indiferenciados, ao incorporarem um baixo grau de ambas as dimensões. A literatura vem associando um maior bem-estar à existência de uma orientação de género andrógina (Burke, 1991; Whitley, 1985; Wolfram et al., 2009). Por fim, o modelo da masculinidade assume que o bem-estar está dependente de um alto grau de masculinidade, independentemente do género do indivíduo. Por exemplo, a literatura mostra uma relação entre masculinidade e ausência de depressão, baixa ansiedade, baixa irritação e alto bem-estar geral (Whitley, 1985; Wolfram et al., 2009).

O bem-estar biopsicossocial abrange diversas dimensões. No estudo desenvolvido por O’Heron e Orlofsky (1990) observou-se que a manifestação do papel de género masculino funcionava como um fator protetor para um melhor ajustamento psicológico pessoal e social nos grupos masculino e feminino. Apesar disso, como referiu Bem (1981), homens andróginos podiam ser mais eficazes a adaptarem-se socialmente, devido às suas características e capacidades mais flexíveis e variadas. De facto, a androginia revelou estar relacionada com menor depressão e ansiedade (O’Heron & Orlofsky, 1990).

Uma outra questão que a literatura levanta é a relação entre as atitudes relativas aos papéis de género e o apoio do cônjuge, a qualidade da relação conjugal e a satisfação conjugal. Por exemplo, Mickelson, Claffey e Williams (2006) descobriram que o apoio do cônjuge pode variar dependendo do género do cônjuge e das atitudes relativas aos papéis de género e, assim, ter impacto na qualidade e satisfação conjugal.

Metodologia

Neste capítulo apresentar-se-á o enquadramento metodológico deste estudo, que seguiu uma metodologia qualitativa. Para a sua realização, este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Participantes

Para este estudo foi selecionada uma amostra com indivíduos de duas gerações diferentes (jovens e seniores). Os critérios para esta seleção eram ou ser jovem, entre os 18 e os 25 anos de idade, ou ser sénior, entre os 65 e os 90 anos de idade, e dominar a língua portuguesa.

O recrutamento dos participantes foi feito em regime de voluntariado, com base numa amostra não aleatória de conveniência, através de instituições de ensino. A amostra dos jovens

foi recrutada através da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a amostra dos seniores foi recrutada através de diversas universidades e academias seniores do concelho de Lisboa.

A amostra é constituída por 15 participantes, 8 jovens (3 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), com intervalo de idades de 18-23 anos e média de 19,5 anos, e 7 seniores (1 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), com intervalo de idades de 74-89 anos e média de 81,9 anos.

Nos participantes jovens, ao nível da escolaridade, um jovem encontrava-se no 3.º ano do curso de Psicologia e os restantes encontravam-se no 1.º ano do mesmo curso; em termos de situação conjugal, apenas um jovem se encontrava numa relação de namoro, estando os restantes solteiros; em relação ao agregado familiar, um jovem vivia com o pai, dois jovens viviam com os tios, um jovem vivia com colegas de casa, um jovem vivia com os irmãos e os restantes três jovens viviam com os pais e irmãos. Nos participantes seniores, ao nível da escolaridade, dois tinham cursos universitários, três tinham completado o 3.º ciclo, um tinha completado o 1.º ciclo e um não tinha frequentado a escola; em termos de situação conjugal, quatro encontravam-se viúvos, dois casados e um solteiro; em relação ao agregado familiar um vivia num lar, dois com os seus cônjuges e quatro sozinhos.

Instrumentos

O instrumento de recolha seleccionado foi a entrevista semiestruturada individual. A escolha deste instrumento prendeu-se com o facto de a entrevista possibilitar relacionar valores, atitudes e opiniões, com um grau de profundidade e flexibilidade, permitindo a riqueza e reflexividade das informações e testemunhos (Boni & Quaresma, 2005; Duarte, 2004; Quivy & Van Campenhoudt, 2005). A realização do guião da entrevista teve em atenção a literatura apresentada e o modelo bioecológico de Brofenbrenner (ver Brofenbrenner, 1977).

Procedimentos

Antes de cada entrevista, foram introduzidos os propósitos da investigação e os participantes, depois de esclarecidos, prestaram o seu consentimento informado. Foi também solicitada autorização para gravação áudio das entrevistas, tendo o anonimato e a confidencialidade dos dados dos participantes sido garantidos, bem como a destruição das gravações das entrevistas após término do presente estudo.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas, por forma a facilitar a análise dos dados. O método de análise eleito foi a análise temática, desenvolvida com recurso ao *software* N-Vivo 12. Este método consiste em identificar, analisar e descrever padrões ou temas nos dados, permitindo uma organização e posterior interpretação do conjunto dos dados (Braun & Clarke, 2006). O processo da análise seguiu os passos propostos por Braun e Clarke (2006): (1) transcrição e familiarização com os dados; (2) produção sistemática de códigos/temas iniciais; (3) agrupamento das categorias em temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e descrição dos temas; e (6) destaque de excertos ilustrativos de cada tema, por forma a relacioná-los com a literatura existente e a extrair interpretações. Assim, a análise final das entrevistas consistiu em dar sentido ao conjunto de padrões ou temas, tendo como referência os objetivos do estudo, os pressupostos teóricos apresentados na literatura e o contexto em que os dados foram recolhidos (Duarte, 2004).

Na análise, os dados foram codificados em cinco grandes categorias: (1) *dimensões de bem-estar*, divididas em bem-estar e mal-estar, estando, por sua vez, divididas em fatores contribuidores (condições que proporcionam mal-estar) e indicadores (sinais que evidenciam mal-estar); (2) *dimensões de papéis de género*, aludindo aos vários papéis de género que um indivíduo pode assumir; (3) *manifestação de papéis de género*, referindo-se às crenças ou às atitudes relacionadas com papéis de género; (4) *género*, quando os participantes se referiam aos papéis associados aos homens e/ou aos papéis associados às mulheres; e (5) *sistemas*, indicando o sistema em que os papéis de género ou bem-estar se manifestaram ou o sistema que influenciou a adoção ou expressão de determinados papéis de género, nomeadamente, a comunidade, a conjugalidade, a família, a relação parental, a relação com o próximo, e o próprio.

Resultados

Os resultados apresentados em seguida compreendem as categorias identificadas na análise, bem como cruzamentos entre as mesmas.

Para indicar o número de referências encontradas na análise será utilizado “Nref.” (e.g., Nref.=10). Após o número total, serão distinguidas as percentagens de participantes do sexo masculino (e.g., H=14%) e do sexo feminino (e.g., M=22%), assim como de jovens (e.g., Jo=40%) e seniores (e.g., Se=50%), que referiram determinado tema ou subtema. As citações dos participantes serão identificadas através do código: (1) um número referente à ordem das entrevistas realizadas; (2) sexo (Homem – H – ou Mulher – M); (3) geração (Sénior – s – ou

Jovem – j); e (4) um número referente à idade do participante. Por exemplo, o código “5Hj22” indica uma citação do quinto participante entrevistado, que é do sexo masculino, jovem e com 22 anos.

Para efeitos de análise neste estudo, entender-se-á “trabalho” como a atividade laboral em idade ativa (na geração dos seniores) ou a atividade estudantil na faculdade (na geração dos jovens).

Temas e subtemas identificados

Nas Tabelas 1 a 3 estão identificados os temas e subtemas que surgiram nos dados deste estudo, por forma a facilitar a leitura que se segue.

Inserir Tabelas 1 a 3 aqui

Sobre as dimensões relacionadas com os papéis de género, foram identificados oito subtemas: (1) *gestão doméstica* (Nref.=462), (2) *relação com a comunidade* (Nref.=241), (3) *relação com o outro* (Nref.=228), (4) *perceção de igualdade/desigualdade* (Nref.=174), (5) *identidade* (Nref.=121), (6) *transmissão geracional* (Nref.=54), (7) *liberdade de escolha/expressão* (Nref.=36) e (8) *perceção de justiça/injustiça* (Nref.=35).

O subtema *gestão doméstica*, compreende as seguintes categorias:

divisão das tarefas domésticas (Nref.=295; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), envolvendo *assumir as tarefas* (Nref.=225; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%) na relação de casal ou na família – “O homem deve assumir as tarefas com a mulher. Devem dividir tarefas, porque a mulher também trabalha fora e devem assumir as tarefas...” [2Ms86] –, *não assumir as tarefas* (Nref.=38; H=25%; M=73%; Jo=50%; Se=71%) – “(...) desde o cozinhar ao arrumar, e mesmo o tratar dos filhos, acho que o homem se põe de parte e deixa sempre esse papel para a mulher (...)” [13Mj19] –, *diálogo para dividir as tarefas* (Nref.=25; H=50%; M=73%; Jo=75%; Se=57%), expressando a comunicação para chegar a um consenso – “O ideal é comunicar e distribuir sem problemas, de forma igualitária (...)” [10Mj18] –, *pessoa externa a fazer as tarefas* (Nref.=4; H=0%; M=36%; Jo=13%; Se=43%), quando alguém é contratado para fazer essas tarefas – “Aí somos um bocadinho privilegiados e preguiçosos porque temos uma empregada.” [9Mj18] –, e *não ter capacidades*

para fazer as tarefas (Nref.=3; H=0%; M=27%; Jo=13%; Se=29%) – “Habituei-me a isso, o meu marido coitado não tinha jeito para nada, não ajudava, não ajudava pronto.” [4Ms89];

divisão do poder (Nref.=134; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), abrangendo *quem detém o poder* (Nref.=56; H=100%; M=91%; Jo=100%; Se=86%), isto é, se na relação de casal, na família ou na sociedade em geral é o homem ou a mulher com maior poder – “Talvez a minha mãe exerça mais autoridade, que seja mais assertiva em certos aspetos” [9Mj18] –, *quem toma as decisões* (Nref.=26; H=75%; M=64%; Jo=75%; Se=57%), refletindo a(s) figura(s) de autoridade no casal ou na família – “As decisões, é assim, umas na parte da mulher e outras talvez na parte do homem.” [4Ms89] –, *diálogo para um consenso nas decisões* (Nref.=18; H=50%; M=73%; Jo=75%; Se=57%) – “O meu ideal é comunicação. Eu exponho os meus dilemas, tu expões os teus dilemas e chegamos a um consenso.” [10Mj18] –, *ser superior* (Nref.=16; H=25%; M=45%; Jo=75%; Se=0%), no sentido de assumir um papel de superior nas relações – “Eu não deveria... julgar-me superior (...)” [10Mj18] –, e *ser submisso/inferior* (Nref.=14; H=25%; M=36%; Jo=63%; Se=0%), no sentido de assumir um papel inferior nas relações – “(...) ainda há muito aquela ideia de que a mulher é inferior e tem de ser submissa ao homem e não pode fazer o que ela quiser (...)” [13Mj19];

e *contributo e gestão financeira* (Nref.=34; H=100%; M=91%; Jo=88%; Se=100%), que se refere à forma como as questões financeiras são geridas na família e, particularmente, por cada cônjuge – “(...) se a mulher não trabalha, o dinheiro é comum. Portanto, praticamente, tudo aquilo que o marido ganha é para a casa.” [7Hs78].

Quanto ao subtema *relação com a comunidade*, surgiu:

o *trabalho* (Nref.=157; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), abrangendo a *articulação trabalho-família* (Nref.=86; H=100%; M=91%; Jo=88%; Se=100%), que expressa a capacidade de articulação dos papéis assumidos por um mesmo indivíduo no trabalho e na família e a forma como esses papéis vão interferir ou encontrar um equilíbrio entre si – “Depois na altura nasceu a minha neta e disse ‘quem abdica da carreira sou eu’, porque abdicar da carreira, ela sai às oito da noite (...)” [6Ms83] –, as *relações laborais* (Nref.=19; H=100%; M=55%; Jo=100%; Se=29%), que se refere às diferenças de género nas relações

entre colegas de trabalho e com os seus superiores – “(...) há um ambiente de comunicar, de falar, de discutir ideias que é geral (...)” [10Mj18] –, *orientação vocacional* (Nref.=15; H=25%; M=36%; Jo=50%; Se=14%), no sentido de sentir que tem vocação para profissões de relação com o outro ou para profissões com primazia do trabalho físico – “(...) os homens mais associados aos trabalhos físicos, de força (...)” [13Mj19] –, *assumir cargos de liderança* (Nref.=10; H=25%; M=36%; Jo=38%; Se=29%), que expressa o acesso a cargos elevados – “Penso que há sempre uma tendência de o homem tomar uma posição de prevalência” [7Hs78] –, *oportunidades* (Nref.=8; H=25%; M=18%; Jo=25%; Se=14%), em termos de oportunidades de desenvolvimento no trabalho e oportunidades de estudar – “(...) só que se calhar era numa altura em que as mulheres não tinham acesso à faculdade.” [15Hj23] –, *competências* (Nref.=6; H=25%; M=9%; Jo=0%; Se=29%) – “(...) tive colegas mulheres com muita competência, mais do que colegas homens (...)” [7Hs78] –, *ser ouvido* (Nref.=6; H=0%; M=18%; Jo=25%; Se=0%), focado na disponibilidade para ouvir as opiniões de homens e mulheres e na valorização dada a estas opiniões – “(...) e aqui sinto que são ouvidas ambas as vozes, mas as outras [dos homens] são um bocado mais válidas (...)” [11Mj20] –, e *rendimentos* (Nref.=5; H=0%; M=45%; Jo=38%; Se=29%), podendo ser justo, igualitário e de acordo com as aptidões do indivíduo – “(...) há discriminação a nível de salários, mas isso toda a gente sabe, que um homem ganha muito mais que uma mulher.” [8Mj20]; *a importância da rede social* (Nref.=44; H=75%; M=73%; Jo=88%; Se=57%), que envolve conviver com os outros e sentir-se integrado no grupo – “É assim, é porque já nos conhecemos há muito tempo daqui, de um lado e de outro, e então fazemos... portanto conversamos, hoje vamos beber o café a onde, não sei o quê.” [1Ms74]; os *preconceitos* (Nref.=28; H=75%; M=45%; Jo=63%; Se=43%), isto é, os julgamentos da sociedade perante o género do indivíduo, como responsabilidade por conduzir, ser boa dona de casa, ser bom no desporto, ser consumista e ter boa imagem – “(...) em Portugal quase todos os homens gostam de futebol, então há aquela ideia de que podem ser bons nisso, têm de ser bons na escola, bons no desporto (...)” [14Hj18];

o ter segurança quando se está sozinho/a (Nref.=5; H=0%; M=27%; Jo=38%; Se=0%) – “(...) tem a ver com a segurança, com a segurança que uma mulher tem menos se andar sozinha (...)” [9Mj18];

e a *expectativa de encontrar um/a parceiro/a* (Nref.=4; H=25%; M=18%; Jo=38%; Se=0%), que reflete a necessidade de encontrar um/a parceiro/a e de saber fazer as tarefas domésticas para facilitar essa procura – “(...) nós desde pequenas ouvimos “tens de saber cozinhar, tens de saber limpar, tens de saber tomar conta da casa, porque se não nunca vais arranjar um marido’ (...)” [13Mj19].

No que diz respeito ao subtema *relação com o outro*, surgiram:

prestação de cuidados/apoio (Nref.=99; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), envolvendo *cuidar dos filhos* (Nref.=82; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), ou seja, os cuidados diários dos filhos – “(...) a nível de todo o trabalho que uma criança dá, acho que a sociedade vê mais isso como do lado da mãe (...)” [8Mj20] –, e *cuidar de alguém doente* (Nref.=15; H=0%; M=55%; Jo=0%; Se=86%), que indica a função de cuidar de alguém que está dependente por doença ou velhice – “Se o marido estiver mais disponível, a mulher não vai faltar ao trabalho para tomar conta da pessoa idosa.” [3Ms84]; *perceção de apoio recebido* (Nref.=62; H=50%; M=73%; Jo=63%; Se=71%), que indica o apoio recebido na relação de casal ou dos filhos – “(...) já o meu filho não, o meu filho gosta muito de ajudar na cozinha e tudo, e ajuda a minha nora em tudo e eu acho bem!” [4Ms89];

educar/disciplinar os filhos (Nref.=41; H=100%; M=73%; Jo=75%; Se=86%), que reflete os papéis de educação e imposição de regras e limites – “O homem em casa acho que tem mais a parte de autoritário, acho eu.” [8Mj20];

e *fazer o bem* (Nref.=26; H=50%; M=82%; Jo=50%; Se=100%), que expressa ajudar, não prejudicar e preocupar-se com o próximo – “(...) providenciar para que todos estejam bem e alegres no fundo, e felizes (...)” [5Ms79].

O subtema *perceção de igualdade/desigualdade*, relativa a divisão das tarefas domésticas, divisão do poder, cuidado dos filhos e situação laboral, está dividido em:

perceção de igualdade (Nref.=114; H=100%; M=82%; Jo=100%; Se=100%) – “Mas, por exemplo, no tratamento dos filhos já estou a ver mais igualdade entre o homem e a mulher em relação a isso...” [1Ms74];

e *percepção de desigualdade* (Nref.=59; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=71%) – “(...) o acesso a cargos elevados, vemos muitos mais homens do que mulheres, há sempre essas desigualdades (...)” [13Mj19].

Relativamente ao subtema *identidade*, surgiu:

ser respeitador/a (Nref.=30; H=100%; M=82%; Jo=100%; Se=71%) – “Eu devo saber respeitar tanto o marido como os filhos (...)” [3Ms84];

cuidado com a imagem (Nref.=14; H=75%; M=27%; Jo=63%; Se=14%), em termos de imagem física e de acordo com o esperado pela sociedade – “(...) fazer o que me faz sentir melhor e não o que faz com que eu cumpra os padrões da sociedade, ou seja, cabelo o que eu quiser, roupas o que eu quiser, pelos o que eu quiser (...)” [11Mj20];

ser correto/a (Nref.=12; H=25%; M=36%; Jo=38%; Se=29%) – “(...) é fazer e agir de acordo com aquilo que achamos que é correto (...)” [9Mj18];

seguir as leis (Nref.=11; H=100%; M=27%; Jo=63%; Se=29%), expressando a importância de não ser agressivo e de seguir a legislação – “[não] Ser agressivo, violar a lei e ser mal-educado (...)” [12Hj20];

ser trabalhador/a (Nref.=10; H=25%; M=55%; Jo=38%; Se=57%) – “[ser homem] É ser correto, ser trabalhador, ser responsável...” [2Ms86];

ser vulnerável (Nref.=10; H=0%; M=18%; Jo=25%; Se=0%), que envolve mostrar as suas emoções e fraquezas e falar sobre isso – “(...) um homem deve expressar-se como quer, ser como quer, e deixar-se entrar em contacto com as suas fraquezas, emoções, essas coisas todas, porque é saudável.” [11Mj20];

ter maior sensibilidade (Nref.=10; H=0%; M=55%; Jo=38%; Se=43%) perante os outros e os problemas deles – “(...) eu acho que a Psicologia também envolve um bocado de sensibilidade que é mais recorrente encontrar nas mulheres (...)” [10Mj18];

ser fiel (Nref.=6; H=25%; M=18%; Jo=13%; Se=29%) – “Como mulher eu não devo ser infiel, no caso de ser casada (...)” [3Ms84];

ser um bom exemplo (Nref.=6; H=0%; M=18%; Jo=0%; Se=29%) para as gerações mais novas – “Acho que o exemplo de uma família, o exemplo... se a família dá bom exemplo segue-se sempre esse exemplo.” [6Ms83];

ser independente (Nref.=6; H=50%; M=18%; Jo=38%; Se=14%) dos pais e da ajuda dos outros – “A minha filha é extraordinariamente independente.” [7Hs78];

e *ser dependente* (Nref.=5; H=25%; M=18%; Jo=38%; Se=0%) – “(...) me fazem sentir que estou à mercê do mundo e que não sou um ser autónomo e autossuficiente (...)” [11Mj20].

O subtema *transmissão geracional* (Nref.=54; H=75%; M=64%; Jo=100%; Se=29%) diz respeito às crenças, valores e atitudes transmitidas através da educação pela família e comunidade envolvente – “(...) a família direta é muito mais provável de tentar manter esses padrões e, em geral, pessoas na rua também um bocado (...)” [11Mj20].

Em relação ao subtema *liberdade de escolha/expressão* (Nref.=36; H=0%; M=45%; Jo=63%; Se=0%), este reflete a possibilidade de escolher e expressar-se da forma mais confortável para o próprio e sem estar limitado pelos padrões da sociedade – “(...) a partir do momento em que só uma pessoa tem opinião, vai ser um bocado... não há liberdade.” [9Mj18].

O subtema *perceção de justiça/injustiça*, relativa a divisão das tarefas domésticas e diferenças salariais, está dividido em *perceção de justiça* (Nref.=24; H=100%; M=91%; Jo=100%; Se=86%) – “Uma divisão justa é não ficar nenhum sobrecarregado.” [6Ms83] – e *perceção de injustiça* (Nref.=11; H=25%; M=45%; Jo=38%; Se=43%) – “Não considero justo porque eu poderia ajudar muito mais, por exemplo.” [15Hj23].

Focando as dimensões de bem-estar, nos fatores contribuidores surgiram:

as *relações saudáveis* (Nref.=73; H=100%; M=100%; Jo=100%; Se=100%), englobando a *perceção de apoio* (Nref.=25; H=25%; M=64%; Jo=38%; Se=71%), isto é, a perceção de suporte entre cônjuges, familiares e colegas/amigos – “Tenho dois filhos, uma filha e um filho [...] são muito meus amigos, todos os dias me telefonam, a dizer se estou bem.” [3Ms84]–, *fazer o bem* (Nref.=18; H=0%; M=55%; Jo=13%; Se=71%), no sentido de preocupar-se com o próximo e contribuir para que a relação com este seja equilibrada – “A sensibilidade de preocupação, de criar um bem-estar, de se preocupar com o próximo, do outro (...)” [10Mj18] –, *respeito* (Nref.=16; H=100%; M=55%; Jo=75%; Se=57%) – “Respeitar os outros e exigir que me respeitem (...)” [7Hs78] –, e *manutenção da rede social* (Nref.=14; H=50%; M=55%; Jo=88%; Se=14%), que inclui fazer novas amizades e manter as anteriores, assim como o apoio, a integração e o tempo despendido entre colegas e amigos – “(...) arranjar amigas e ter amigas, para conversar, para me distrair, e tentar também sair de casa (...)” [3Ms84];

a *perceção positiva do self* (Nref.=25; H=25%; M=64%; Jo=63%; Se=43%), compreendendo a *relação positiva com o próprio* (Nref.=11; H=25%; M=36%;

Jo=38%; Se=29%), que envolve o sentir-se bem e confortável com a própria identidade, os seus valores e ações – “acho que aquela com que me sinto melhor (...) é tipo a relação comigo mesma e sobretudo pode ser tipo cultura, conhecimento, o meu bem-estar, autoestima, respeito e etc.” [9Mj18] –, e *ser sereno/a e resiliente* (Nref.=7; H=0%; M=36%; Jo=13%; Se=43%), no sentido de conseguir manter uma postura calma e ultrapassar as adversidades – “É serenidade, estou bastante serena. Nunca tive problemas que fosse preciso ir a um psicólogo, graças a Deus, nunca tive complicações maiores (...)” [2Ms86]; o *meio envolvente confortável* (Nref.=19; H=100%; M=91%; Jo=50%; Se=57%), contendo o *equilíbrio trabalho-família* (Nref.=9; H=25%; M=27%; Jo=25%; Se=29%), que indica a inexistência de um conflito entre os papéis assumidos no trabalho e na família por um mesmo indivíduo – “Mas acho também que isso tudo é uma questão de organização do casal, o pouco tempo que depois há deve ser partilhado.” [6Ms83]; o *não ter problemas de saúde* (Nref.=15; H=100%; M=45%; Jo=63%; Se=57%), englobando saúde física e mental – “Para mim o bem-estar era, por exemplo, ter saúde.” [4Ms89]; o *ser independente* (Nref.=14; H=50%; M=27%; Jo=25%; Se=43%), no sentido de conseguir realizar as tarefas diárias sozinho/a e não depender economicamente de outro – “(...) e eu felizmente ainda vou fazendo as minhas coisinhas, mal, mas ainda me vou mexendo, ainda não tenho assim ninguém a tomar conta de mim.” [4Ms89]; e a *liberdade de escolha* (Nref.=8; H=0%; M=27%; Jo=38%; Se=0%), relativa à possibilidade de agir e expressar-se livremente – “Ser aquilo que eu quiser, independentemente das pessoas pensarem que não.” [13Mj19].

Em termos de indicadores do bem-estar surgiram:

as *relações familiares saudáveis* (Nref.=62; H=75%; M=91%; Jo=88%; Se=86%), englobando os subtemas *satisfação conjugal* (Nref.=35; H=25%; M=64%; Jo=38%; Se=71%), que se refere à confiança e apoio intraconjugal e à durabilidade da relação – “O ideal é comunicar e distribuir sem problemas, de forma igualitária, ou sempre que possível, as tarefas para manter a casa ou a relação ou o que seja saudável.” [10Mj18] –, *união da família* (Nref.=13; H=50%; M=55%; Jo=75%; Se=29%) – “Mas somos uma família, felizmente, muito unida. Uma família humilde, mas muito amiga uns dos outros.” [3Ms84]

–, e *boa relação com os filhos* (Nref.=8; H=50%; M=27%; Jo=13%; Se=57%), que reflete o reconhecimento do valor e das características positivas do cônjuge pelos filhos, assim como o apoio dos filhos – “tenho um relacionamento relativamente bom com os meus filhos e com as minhas netas.” [7Hs78];

os *sentimentos positivos* (Nref.=50; H=100%; M=82%; Jo=100%; Se=71%), que engloba sentir-se confortável, feliz e em paz – “Eu para mim fui feliz, fui muito feliz!” [6Ms83];

o *meio envolvente confortável* (Nref.=46; H=100%; M=91%; Jo=100%; Se=86%), contendo os subtemas *satisfação no/com o trabalho* (Nref.=29; H=75%; M=73%; Jo=100%; Se=43%), resultante das relações laborais, igualdade de género nas oportunidades e rendimentos e sentimentos de reconhecimento e realização – “(...) porque sinto que realmente estou a fazer coisas que gosto e que o meu trabalho aí está a ser reconhecido e estou a gostar do trabalho, então sinto que o meu bem-estar está bastante fixe” [11Mj20] –, e *satisfação em casa* (Nref.=12; H=50%; M=45%; Jo=38%; Se=57%), que envolve sentir-se protegido/a e poder fazer as atividades que gosta – “Com os pais e com os meus irmãos sinto-me bem porque sinto que estou protegido, estou com a minha família, normalmente estamos em casa, estamos ali protegidos.” [14Hj18];

a *satisfação com o trabalho doméstico* (Nref.=41; H=100%; M=82%; Jo=100%; Se=71%), que expressa a partilha, o equilíbrio, a perceção de justiça e a concordância entre os membros do casal – “(...) acho que quando divididas as coisas ficam mais fáceis e acho que esse é o lado positivo. É, que acho que custa menos quando as coisas são divididas, é um sentimento de entajada, de grupo.” [14Hj18];

o *sentimento de realização* (Nref.=13; H=50%; M=36%; Jo=38%; Se=43%), que expressa sentir-se realizado/a com o trabalho e com o que viveu na vida – “Gostei do que fiz, acho que fiz trabalho que teve interesse, realizei-me profissionalmente.” [6Ms83];

e a *satisfação com as atividades realizadas* (Nref.=9; H=25%; M=36%; Jo=25%; Se=43%) – “(...) fazer o que tiver que fazer com prazer (...)” [5Ms79].

Em relação às dimensões de mal-estar, em termos de fatores contribuidores surgiu:

o *meio envolvente constrangedor* (Nref.=47; H=75%; M=84%; Jo=88%; Se=71%), compreendendo os subtemas *julgamento da sociedade* (Nref.=26;

H=50%; M=36%; Jo=63%; Se=14%), que se refere às crenças socialmente generalizadas que condicionam a ação individual – “Uma mulher que muda de cidade é o quê?! As pessoas mais velhas acham que não tem ninho, aquela coisa tradicional, não tem ninho para cuidar, ‘uma mulher precisa de uma família, de filhos para cuidar’.” [9Mj18] –, *conflito trabalho-família* (Nref.=12; H=25%; M=36%; Jo=50%; Se=14%), que expressa o impacto das exigências do trabalho na vida familiar – “Acho que há dias que eu passo muito pouco tempo em casa [por estar na faculdade], assim como a minha irmã que está na faculdade.” [14Hj18] –, e *falta de segurança* (Nref.=5; H=0%; M=27%; Jo=38%; Se=0%), que reflete a insegurança sentida no ambiente em que o indivíduo está inserido – “A mulher está na rua tem medo de comentários e cenas à noite” [11Mj20]; as *dificuldades relacionais* (Nref.=42; H=100%; M=91%; Jo=100%; Se=86%), contendo os subtemas *desrespeito* (Nref.=11; H=75%; M=45%; Jo=75%; Se=29%) – “(...) tratar mal os outros acho que é das coisas que me faz impressão, tratar mal alguém e prejudicar alguém em qualquer coisa...” [6Ms83] –, *falta de entendimento/diálogo* (Nref.=11; H=25%; M=45%; Jo=25%; Se=57%), focado na relação de casal ou nas relações familiares – “(...) se eu estou numa relação com alguém e se não nos organizamos para ter as coisas feitas, falta ali alguma coisa e eu acho que isso entra na comunicação, que é fundamental para uma relação (...)” [10Mj18] –, e *percepção de falta de apoio* (Nref.=10; H=25%; M=64%; Jo=50%; Se=57%) por parte do cônjuge ou da família, em termos práticos, como por exemplo nas tarefas domésticas, ou psicológico – “(...) é frustrante, estar a fazer tudo e ver a outra pessoa sentada no sofá a ver televisão ou a fazer uma coisa qualquer, é frustrante...” [13Mj19]; a *falta de tempo* (Nref.=27; H=100%; M=55%; Jo=75%; Se=57%), que se refere ao tempo absorvido pelas rotinas laborais e domésticas e que poderia ser dedicado ao próprio, aos filhos ou ao casal – “(...) quando se trabalha, há sempre esse risco, essa consequência de não estar tanto tempo com os filhos (...)” [12Hj20]; os *problemas de saúde* (Nref.=12; H=25%; M=36%; Jo=13%; Se=57%) – “(...) e é os ossos, que é um sofrimento que é uma coisa horrível, as costas é uma coisa horrível.” [4Ms89]; a *percepção negativa do self* (Nref.=11; H=50%; M=45%; Jo=75%; Se=14%), que se refere a uma autopercepção negativa, relacionada com não conseguir

atingir os seus objetivos ou com a percepção de submissão em relação aos outros – “Porque isso afeta mesmo uma pessoa e a maneira como a feminilidade está associada a vulnerabilidade e a submissão e tipo ‘tu fazes tudo o que quiseses e eu estou aqui para te agradar’, isso aí é horrível.” [11Mj20];

a *solidão* (Nref.=10; H=0%; M=55%; Jo=25%; Se=57%), relativa a não ter agregado familiar para além do próprio e a realizar atividades sozinho – “(...) é difícil, menina... muito difícil, uma pessoa viver sozinha é muito difícil...” [4Ms89];

e as *imposições parentais* (Nref.=6; H=25%; M=18%; Jo=25%; Se=14%), relacionadas com a falta de liberdade nas escolhas – “(...) o meu pai tinha uma coisa muito má que era o facto de ser muito imponente (...)” [1Ms74].

Em termos de indicadores do mal-estar surgiram:

a *insatisfação com o trabalho doméstico* (Nref.=41; H=75%; M=91%; Jo=75%; Se=100%), que reflete a insatisfação com a divisão das tarefas domésticas e com a necessidade de as fazer – “Então a nível das tarefas domésticas, obviamente se não há um ponto de equilíbrio entre os dois, a mulher vai começar a andar chateada obviamente e pronto, dá porcaria.” [8Mj20];

os *sentimentos negativos* (Nref.=25; H=75%; M=64%; Jo=75%; Se=57%), como frustração, ansiedade, tristeza e preocupação – “Claro, temos dias que estamos mais em baixo.” [3Ms84];

a *insatisfação conjugal* (Nref.=14; H=50%; M=36%; Jo=25%; Se=57%), relacionada com a divisão das tarefas domésticas, a gestão financeira, o apoio percebido, as características pessoais de cada cônjuge e críticas por parte do cônjuge – “(...) depois começa a haver um mal-estar na relação, mesmo que não sintam logo de imediato, a certa altura vão sentir, alguém vai estar um bocadinho mais ressabiado (...)” [11Mj20];

os *sintomas depressivos* (Nref.=14; H=0%; M=9%; Jo=0%; Se=14%) – “As pessoas pensam que eu estou mal fisicamente, mas não é, é mais, eu acho que é mais psicologicamente.” [1Ms74];

a *insatisfação no/com o trabalho* (Nref.=11; H=50%; M=18%; Jo=38%; Se=14%), devida a problemas e relações laborais, desgaste com o trabalho, diferenças de género e tarefas/conteúdos – “Ainda que os homens façam parte de diversos momentos, convívios e etc., se calhar poderão ser um bocado

excluídos de outras partes, por se calhar não encaixarem tipicamente naquele tipo de atividade, naquele tipo de conversa, etc.” [15Hj23];

e a *injustiça devida a desigualdades* (Nref.=6; H=25%; M=18%; Jo=25%; Se=14%) – “Basta olharmos para aquilo que o homem [recebe], as diferenças salariais. Porque é muito injusto os homens ganharem mais no mesmo posto que uma mulher.” [13Mj19].

Cruzamentos entre temas e subtemas

Focando as dimensões relacionadas com os papéis de género, verifica-se que as mulheres seniores referem enquanto crenças/ideais as seguintes dimensões associadas ao papel masculino: *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=7], *perceção de apoio recebido* por parte do homem [Nref.=5] e *ser respeitador* [Nref.=5]. Por outro lado, quando se referem a atitudes concretas, estas mulheres apontam como dimensões associadas aos homens: *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=17], *perceção de apoio recebido* por parte do homem [Nref.=12] e *não assumir as tarefas domésticas* [Nref.=9]. Em relação às principais dimensões associadas às mulheres, as mulheres seniores apontam, como crença/ideal, *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=12], capacidade de *articulação trabalho-família* [Nref.=8], *ser boa dona de casa* [Nref.=6] e *cuidar dos filhos* [Nref.=6], e, quando se referem a atitudes e práticas, salientam *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=32], *articulação trabalho-família* [Nref.=15], *perceção de apoio recebido* por parte da mulher [Nref.=13] e *cuidar dos filhos* [Nref.=12].

No homem sénior, a dimensão de género mais associada aos homens, enquanto crença/ideal, passa por *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=4]. Em termos de atitudes concretas, as dimensões são *contributo e gestão financeira* [Nref.=6] e *quem tem o poder* [Nref.=6]. Já as dimensões que mais associam às mulheres, enquanto crença/ideal, são *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=5] e *articulação trabalho-família* [Nref.=6], e, nas atitudes, *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=7], *quem tem o poder* [Nref.=6] e *articulação trabalho-família* [Nref.=4].

Nas mulheres jovens, as dimensões de género apontadas como as mais associadas aos homens, enquanto crenças/ideais, são: *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=14] e *articulação trabalho-família* [Nref.=13]. Em termos de atitudes, estas mulheres apontam as dimensões *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=21], *não assumir as tarefas domésticas* [Nref.=17] e *quem tem o poder* [Nref.=11] como as mais associadas aos homens. Em relação às dimensões mais associadas às mulheres, as mulheres jovens apontam, enquanto crenças/ideais, *assumir as*

tarefas domésticas [Nref.=29], *liberdade de escolha/expressão* [Nref.=18] e *articulação trabalho-família* [Nref.=17], e, em termos de atitudes concretas, *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=35], *transmissão geracional* [Nref.=21] e *quem tem o poder* [Nref.=12].

Nos homens jovens, as dimensões de género mais associadas aos homens, enquanto crenças/ideias, passam pela *transmissão geracional* [Nref.=12], *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=11] e *articulação trabalho-família* [Nref.=8]. Em termos de atitudes, as dimensões são *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=11], *importância da rede social* [Nref.=8] e *articulação trabalho-família* [Nref.=6]. As dimensões mais associadas às mulheres, enquanto crenças/ideias, são *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=9], *cuidar dos filhos* [Nref.=8] e *articulação trabalho-família* [Nref.=5], e, enquanto atitudes concretas, *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=8], *cuidar dos filhos* [Nref.=7] e *articulação trabalho-família* [Nref.=6].

Focando a ligação entre as dimensões de género e as dimensões de bem-estar, verificou-se que, nas mulheres seniores, as dimensões de género *percepção de apoio recebido* [Nref.=21], *fazer o bem* [Nref.=14] e *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=13] evidenciaram uma maior ligação com o bem-estar. Nomeadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *percepção de apoio recebido* com as dimensões de bem-estar *percepção de apoio* [Nref.=12], *boa relação com os filhos* [Nref.=4] e *satisfação conjugal* [Nref.=4]; uma maior associação da dimensão *fazer o bem* com as dimensões de bem-estar *fazer o bem* [Nref.=8], *respeito* [Nref.=4] e *satisfação conjugal* [Nref.=3]; e uma maior associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de bem-estar *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=9] e *percepção de apoio* [Nref.=5].

No homem sénior, as dimensões de género *contributo e gestão financeira* [Nref.=5] e *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=2] evidenciaram uma maior ligação com o bem-estar. Mais concretamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *contributo e gestão financeira* com a dimensão de bem-estar *ser independente* [Nref.=4]; e uma associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de bem-estar *satisfação conjugal* [Nref.=1] e *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=1].

Nas mulheres jovens, as dimensões de género com maior ligação com o bem-estar foram *percepção de igualdade* [Nref.=23], *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=21] e *percepção de apoio recebido* [Nref.=8]. Designadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *percepção de igualdade* com as dimensões de bem-estar *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=10], *percepção de apoio* [Nref.=4] e *satisfação no/com o trabalho* [Nref.=3]; uma maior associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de bem-estar *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=15], *percepção de apoio* [Nref.=4] e *ser*

independente [Nref.=3]; e uma associação da dimensão *percepção de apoio recebido* com as dimensões de bem-estar *percepção de apoio* [Nref.=5], *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=4] e *fazer o bem* [Nref.=2].

Nos homens jovens, as dimensões de género *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=7], *percepção de igualdade* [Nref.=7], *importância da rede social* [Nref.=5] e *transmissão geracional* [Nref.=5] evidenciaram uma maior ligação com o bem-estar. Nomeadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de bem-estar *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=5], *percepção de apoio* [Nref.=1], *união da família* [Nref.=1] e *satisfação com as atividades realizadas* [Nref.=1]; uma maior associação da dimensão *percepção de igualdade* com as dimensões de bem-estar *satisfação no/com o trabalho* [Nref.=2], *união da família* [Nref.=2] e *satisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=2]; uma maior associação da dimensão *importância da rede social* com as dimensões de bem-estar *manutenção da rede social* [Nref.=3], *satisfação no/com o trabalho* [Nref.=1], *satisfação com as atividades realizadas* [Nref.=1] e *sentimentos positivos* [Nref.=1]; e uma associação da dimensão *transmissão geracional* com as dimensões de bem-estar *satisfação com as atividades realizadas* [Nref.=2] e *respeito* [Nref.=1].

Focando agora a ligação entre as dimensões de género e as dimensões de mal-estar, verificou-se que, nas mulheres seniores, as dimensões de género *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=17], *articulação trabalho-família* [Nref.=12], *percepção de apoio recebido* [Nref.=7] e *cuidar dos filhos* [Nref.=7] evidenciaram uma maior ligação com o mal-estar. Nomeadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de mal-estar *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=10] e *sentimentos negativos* [Nref.=2]; uma maior associação da dimensão *articulação trabalho-família* com as dimensões de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=5], *conflito trabalho-família* [Nref.=4], *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=2] e *sentimentos negativos* [Nref.=2]; uma maior associação da dimensão *percepção de apoio recebido* com as dimensões de mal-estar *percepção de falta de apoio* [Nref.=3] e *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=3]; e uma maior associação da dimensão *cuidar dos filhos* com as dimensões de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=3] e *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=3].

No homem sénior, as dimensões de género *contributo e gestão financeira* [Nref.=3], *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=2] e *articulação trabalho-família* [Nref.=2] evidenciaram uma maior ligação com o mal-estar. Mais concretamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *contributo e gestão financeira* com a dimensão de mal-estar *insatisfação conjugal* [Nref.=2]; uma associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas*

com as dimensões de mal-estar *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=1] e *insatisfação conjugal* [Nref.=1]; e uma associação da dimensão *articulação trabalho-família* com as dimensões de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=1] e *insatisfação conjugal* [Nref.=1].

Nas mulheres jovens, as dimensões de género com maior associação com o mal-estar foram *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=23], *percepção de desigualdade* [Nref.=15] e *articulação trabalho-família* [Nref.=13]. Designadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com as dimensões de mal-estar *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=13], *falta de tempo* [Nref.=7] e *percepção de falta de apoio* [Nref.=4]; uma maior associação da dimensão *percepção de desigualdade* com as dimensões de mal-estar *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=8] e *percepção de falta de apoio* [Nref.=3]; e uma associação da dimensão *articulação trabalho-família* com as dimensões de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=9], *conflito trabalho-família* [Nref.=4] e *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=3].

Nos homens jovens, as dimensões de género *articulação trabalho-família* [Nref.=8], *assumir as tarefas domésticas* [Nref.=6] e *cuidar dos filhos* [Nref.=5] evidenciaram uma maior ligação com o mal-estar. Nomeadamente, encontrou-se uma maior associação da dimensão *articulação trabalho-família* com as dimensões de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=6] e *conflito trabalho-família* [Nref.=4]; uma associação da dimensão *assumir as tarefas domésticas* com a dimensão de mal-estar *insatisfação com o trabalho doméstico* [Nref.=6]; e uma associação da dimensão *cuidar dos filhos* com a dimensão de mal-estar *falta de tempo* [Nref.=5].

Discussão

No que respeita às dimensões dos papéis de género, os resultados deste estudo apontam para o facto de algumas tarefas domésticas serem assumidas pelos homens, outras pelas mulheres e outras por ambos, variando consoante o entrevistado. Contudo, ao analisar mais profundamente, verificou-se que grande parte das tarefas domésticas são assumidas pela mulher, sendo esse trabalho da mulher não reconhecido pelos homens jovens. Ao contrário destes últimos, as mulheres seniores reforçam o maior contributo da mulher nas tarefas domésticas, colocando, por vezes, a mulher como primeira opção e, em caso de indisponibilidade desta, o homem como responsável pelas tarefas. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que também apresentam a mulher como a principal contribuidora nas tarefas domésticas, apesar de os homens também participarem (Perista, 2002; Sagnier & Morell, 2019; Stier & Lewin-Epstein, 2007).

A par das tarefas domésticas, tanto seniores como jovens atribuíram à mulher a capacidade de *articulação trabalho-família*. Estes resultados vêm dar suporte à literatura existente, pois evidenciam uma carga de trabalho dupla a recair sobre a mulher, como uma “dupla jornada de trabalho”, englobando as obrigações do trabalho profissional e do trabalho doméstico (CITE, 2012; Perista, 2002; Queiroga, Magalhães & Nogueira, 2018).

Em relação às dimensões de género masculinas, os jovens (homens e mulheres) aproximaram-se do referido sobre a mulher – atribuíram ao homem as tarefas domésticas, seguida da capacidade de *articulação trabalho-família*. Este resultado pode ser um indicador de um desejo e/ou de uma transformação no sentido da igualdade entre géneros, com os homens a assumirem também uma dupla jornada de trabalho. Contudo, as mulheres jovens atribuíram também ao homem o *não assumir as tarefas* domésticas, lembrando que o contributo do homem a nível doméstico ainda é limitado, existindo as duas realidades. Este paradoxo da contribuição do homem nas tarefas domésticas não se verificou nos estudos encontrados.

Já os seniores, homens e mulheres, apontaram como dimensões de género características do homem o facto de este *assumir as tarefas domésticas* e apoiar a mulher e/ou a família. À semelhança das mulheres jovens, também as mulheres seniores atribuíram ao homem o não se responsabilizar pelas tarefas domésticas, trazendo à luz um paradoxo nas dimensões de género masculinas. Quanto à *perceção de apoio* prestado pelos homens, a referência a esta dimensão de género nos homens revela consonância com o estudo de Stevens, Kiger e Riley (2001), onde verificaram que, num casal, o apoio emocional era oferecido de forma igualitária entre homem e mulher.

Os resultados mostram que o facto de, por exemplo, *assumir as tarefas domésticas* estar mais associado à mulher e *não assumir as tarefas* ao homem deve-se também ao que é ensinado pelas gerações anteriores. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que referem que uma participação superior das mulheres nas tarefas domésticas deve-se também à forma como homens e mulheres foram socializados e marcados por distinções ao nível dos papéis de género (Guerreiro & Pereira, 2006; Poeschl et al., 2018; Sagnier & Morell, 2019). Um exemplo claro referido pelas participantes do sexo feminino deste estudo foi considerarem que os homens não têm jeito ou capacidades para fazer certas tarefas domésticas. As participantes avançaram duas possíveis explicações: por um lado, é uma característica “natural” dos homens não conseguirem fazer tais tarefas, por outro lado, aos homens não foram ensinadas tais tarefas, por caber às mulheres fazê-las. A primeira hipótese surge no sentido dos resultados trazidos pelo estudo de Poeschl e colaboradores (2018), onde as mulheres justificaram as diferenças nos papéis assumidos em termos da organização doméstica com as próprias diferenças “naturais” entre

homens e mulheres. A segunda hipótese surge como transmissão geracional desses papéis e é nesse sentido que Elise Eliot defende que as diferenças entre homens e mulheres partem das experiências que os indivíduos têm ao longo da vida, onde as capacidades são ganhas através da prática das mesmas (Newsom, 2015). Assim, o facto de os homens não terem capacidades para realizar certas tarefas domésticas resultaria da falta de prática de tais tarefas. Também é possível que esta falta de jeito dos homens, alegada pelas mulheres, resulte de uma desqualificação das tentativas de participação masculina, descrita no estudo de Favero e Maracci (2016), que justificaria o facto de as mulheres assumirem a maior parte das tarefas.

Os resultados deste estudo também apontam para a dimensão *ser boa dona de casa* associada à mulher, sobretudo pelas mulheres seniores, o que, segundo estas, implica assumir as tarefas domésticas e cuidar dos filhos e do marido (se existirem). Este resultado mostra consonância com o estudo de Favero e Maracci (2016), onde se verificou que as mulheres tendiam a assumir as tarefas domésticas, adotando o papel esperado para elas pelo meio sociocultural. O facto de serem as mulheres a associarem a elas próprias o papel de boa dona de casa é de notar, uma vez que traduz uma ideologia mais tradicional transmitida geracionalmente por mulheres e não imposta pelos homens.

Ainda em relação às dimensões relacionadas com os papéis de género, verificou-se que, se se encarar os cuidados diários e a educação e disciplina dos filhos como um todo, é possível denotar um equilíbrio de papéis de género no desempenho da parentalidade, onde tanto o homem como a mulher contribuem para o bem-estar e desenvolvimento dos filhos. Contudo, ao aprofundar a análise dos papéis desempenhados, verificou-se que, independentemente da geração e do sexo, os participantes creem que os cuidados diários dos filhos devem ficar mais a cargo da mulher e que a educação e disciplina devem ficar mais a cargo do homem, sendo que relatam que põem em prática essas mesmas crenças. Estes resultados vão ao encontro de estudos que mostraram que as mulheres assumem a maioria dos cuidados com os filhos (Fetterolf & Rudman, 2014; Perista, 2002; Perista et al., 2016; Poeschl, 2000; Poeschl, Ribeiro & Oliveira, 2018; Sagnier & Morell, 2019). Pelo contrário, outros estudos mostraram que os cuidados com os filhos eram um “catalisador” da participação do homem na vida doméstica, onde se verificava maior igualdade, quando comparados com outros níveis, como as tarefas domésticas (França & Schimanski, 2009; Rodrigues, Cunha, & Wall, 2015), o que não se verificou nestes resultados. Quanto à educação e disciplina dos filhos ser associada sobretudo ao homem, esta pode transparecer um papel de maior poder do homem face à mulher, uma vez que é a estes que estão associadas as decisões e a última palavra relativas à educação dos filhos. De facto, quando analisamos a perceção dos participantes em relação ao poder do homem e da

mulher sobre a educação/disciplina dos filhos, verifica-se a perspetiva da existência de uma superioridade do homem face à mulher. Numa visão mais global, estes resultados parecem contraditórios, uma vez que tanto as crenças como as atitudes revelam uma divisão do poder equilibrada entre homem e mulher. No entanto, esta contradição pode explicar-se pela dispersão das referências nos vários domínios em que o poder pode ser exercido.

Mais uma vez, quando o foco foi no particular, neste caso, na superioridade e inferioridade/submissão, verificou-se que, independentemente da geração e do sexo dos participantes, estes associam predominantemente a superioridade ao homem e a inferioridade/submissão à mulher, relatando essa prática no meio envolvente. Estes resultados vão, em parte, ao encontro do estudo de Felmlee (1994), que verificou que a maioria das mulheres considerava que o poder era igualmente partilhado, enquanto a maioria dos homens considerava ter mais poder do que a mulher. No entanto, o mesmo autor verificou que, quando as desigualdades de poder eram admitidas, tanto mulheres como homens afirmavam que o homem detinha mais poder, tomava mais decisões, estava menos envolvido emocionalmente e beneficiava mais da relação de casal. Outros estudos salientam uma posição de desvantagem da mulher na sociedade, bem como na relação de casal, onde é descrita uma postura de submissão e de cedência face ao homem, que é considerado uma figura de autoridade e poder (Favero & Maracci, 2016; Fernandes, 2009; Queiroga, Magalhães & Nogueira, 2018). Fernandes (2009) refere que estas posturas são aprendidas no processo de socialização, o que nos leva a refletir sobre a transmissão geracional das ideologias de género, co-construídas em sociedade.

Outro ponto que surgiu nos resultados das dimensões de género, ainda que com pouca expressão, prende-se com as questões relacionadas com o *trabalho* (para além da capacidade de *articulação trabalho-família* já referida). Alguns destes resultados vêm suportar a literatura já existente. Por exemplo, os participantes relataram que os homens tendem a ocupar mais cargos de liderança, refletindo as oportunidades e o poder desigual entre géneros ao nível laboral. Este resultado espelha uma “segregação vertical” das mulheres, isto é, apesar das suas qualificações, estas ocupam posições inferiores na hierarquia e menos cargos de chefia (CITE, 2017; Pernas, Fernandes & Guerreiro, 2008). A par do facto de os homens serem mais ouvidos nos locais de trabalho e de as mulheres terem menos oportunidades de trabalho, estes resultados podem sugerir que o papel de superioridade associado ao género masculino é transversal a diversas esferas sociais. Esta desigualdade de poder transporta-se também para os rendimentos auferidos, que, apesar de os participantes idealizarem a existência de rendimentos iguais, nas mesmas funções e para os dois géneros, na prática reconhecem que os homens ganham mais

(CITE, 2017; Pernas et al., 2008). Os participantes também referiram a crença de que as mulheres têm uma maior vocação para profissões ligadas à relação e os homens para profissões ligadas ao trabalho físico e informático. Este resultado pode sugerir uma transmissão geracional na sociedade que tem impacto nas escolhas profissionais e de estudos. Neste sentido, a literatura revela que estas vocações partem das competências tradicionais fomentadas no contexto doméstico através da transmissão geracional (Pernas et al., 2008). Para além destes resultados, os participantes destacaram a existência de *boas relações laborais* entre homens e mulheres, assim como a equidade de género relativamente às competências no trabalho.

Transversal a todas as dimensões de género surgiu a *perceção de justiça e injustiça* e a *perceção de igualdade e desigualdade*. Em relação à *perceção de justiça e injustiça*, os resultados foram lançados sobretudo pelas participantes do sexo feminino, referindo-se às tarefas domésticas. Assim, encontrou-se uma *perceção de justiça* em relação à crença de que as tarefas domésticas deveriam ser assumidas quer pelo homem como pela mulher, e uma *perceção de injustiça* quando as tarefas domésticas eram assumidas apenas pela mulher. Estes resultados vão ao encontro de Perista e colaboradores (2016), que retratam que as mulheres são as que exprimem maior injustiça quando a divisão das tarefas domésticas não é equilibrada. Focando o que os participantes percecionam como justo ao nível dos papéis de género, os resultados mostram que, à semelhança do encontrado em Poeschl (2010), algumas participantes do sexo feminino consideraram que seria mais justo que o homem desse um pequeno contributo para as tarefas domésticas do que não contribuisse de todo, sendo que quanto maior fosse essa participação, maior seria a perceção de justiça. Os resultados deste estudo também vão ao encontro da teoria da disponibilidade de tempo de Braun, Lewin-Epstein, Stier e Baumgärtner (2008), que sugere que seria justo uma divisão em que o cônjuge que despendesse menos tempo na sua atividade laboral fosse aquele que se dedicasse mais tempo às tarefas domésticas.

No que respeita à *perceção de igualdade e de desigualdade*, os resultados sugerem que, independentemente da geração e do sexo, os participantes consideraram ideal a igualdade entre géneros, o que vai ao encontro de estudos anteriores (Rodrigues et al., 2015; Sagnier & Morell, 2019). Contudo, todos os participantes relataram pelo menos uma situação, que vivenciaram ou tiveram conhecimento, na qual percecionaram desigualdade entre os papéis de género assumidos por homens e mulheres. Ao focar essa desigualdade nas atitudes, foi refletida ao nível da *divisão das tarefas domésticas* (maior encargo para a mulher), na *articulação trabalho-família* (maior sobrecarga para a mulher ou a perceção de que deve ser esta a deixar de trabalhar quando tem filhos), nos *cuidados diários dos filhos* (maior encargo para a mulher) e na disponibilidade para *ser ouvido* no local de trabalho (maior disponibilidade para o

homem). Comum a todas estas desigualdades percecionadas está o facto de a mulher ter mais responsabilidades e menores oportunidades (CITE, 2012). Para além disso, destaca-se o facto de a desigualdade percecionada se vivenciar principalmente no ambiente doméstico (Poeschl et al., 2018). Porém, num panorama mais global, todos os participantes, independentemente da geração e do sexo, relataram uma realidade envolvente onde percecionam um nível semelhante de igualdade e desigualdade.

Perante estas perceções de justiça e injustiça e de igualdade e desigualdade, o diálogo foi realçado pelos participantes, jovens e seniores, como um potencial meio de harmonização e equilíbrio no casal e na família. Ainda que os participantes tenham revelado ter crenças diferentes, estes consideraram que, por meio do diálogo, seria possível chegar a uma realidade comum do casal ou da família onde todos os seus membros se sentissem confortáveis. A consciência de uma necessidade de diálogo surge como um aspeto relevante, nesta investigação. No entanto, os resultados não revelaram se esse diálogo era vivido e se tinha implicações positivas na prática. No mesmo sentido, Sagnier e Morell (2019) verificaram que cerca de um terço das mulheres que vivem com um homem referiram ter combinado a partilha das tarefas domésticas antes de coabitarem, mas só em pouco mais de metade dos casos essa combinação foi cumprida. Para além disso, os mesmos autores notaram que uma grande maioria das mulheres jovens não valorizava a questão do diálogo e da negociação com o parceiro para a divisão das tarefas domésticas, o que contrasta com os resultados deste estudo.

À exceção das questões do trabalho, os resultados até aqui apresentados parecem muito focados na conjugalidade e, de facto, os participantes focaram, sobretudo, as dimensões de género na dualidade homem *versus* mulher no casal. Contudo, importa salientar que essa visão dos papéis de género seria redutora. Apesar de com pouca expressão, os participantes deste estudo foram mais além. Foram identificadas dimensões de género na conjugalidade (Nref.=431), na própria individualidade e identidade (Nref.=427), no meio envolvente (Nref.=147), na parentalidade (Nref.=126), na relação com o próximo (Nref.=59) e nas relações intrafamiliares (Nref.=27), havendo dimensões transversais aos vários sistemas e relações do indivíduo. Esta versatilidade das dimensões de género alude à sua construção social, na relação com o outro e transmitida ao próximo.

Focando os objetivos primordiais deste estudo, isto é, a relação entre os papéis de género e o bem-estar em indivíduos de diferentes gerações e sexos, verificou-se que em todos os grupos de participantes a dimensão de *assumir as tarefas domésticas* estava relacionada tanto com o bem-estar como com o mal-estar.

Ao analisar por grupo de participantes, verificou-se que as mulheres, jovens e seniores, tendem a associar o contributo nas tarefas domésticas com o bem-estar quando há uma partilha das tarefas e o homem ajuda a mulher. Já os homens, para além de valorizarem a partilha das tarefas domésticas, também associaram o contributo nas tarefas domésticas com o bem-estar quando o homem contribui menos, em particular os jovens. Estes resultados reforçam o ideal de igualdade ao nível dos papéis de género, contudo, os homens realçam o desejo de realizarem menos tarefas domésticas, contribuindo dessa forma para o seu bem-estar. Estes resultados vão ao encontro de Forste e Fox (2012), que notaram que os homens apresentavam níveis maiores de felicidade em parte porque contribuía menos nas tarefas domésticas do que as mulheres.

Relativamente às dimensões de bem-estar relacionadas com a valorização da distribuição das tarefas domésticas, foi destacada a *perceção de apoio*. Outros estudos também fizeram essa associação, sendo identificado um maior bem-estar quando existia uma partilha das tarefas, independentemente de ser igualitária ou não (Baxter & Western, 1998; Forste & Fox, 2012; Sagnier & Morell, 2019). Outras duas dimensões de bem-estar também associadas à distribuição de tarefas foram a *satisfação com o trabalho doméstico* e a *satisfação conjugal*. A *satisfação conjugal* foi apenas referida pelo homem sénior, possivelmente por ser dos poucos participantes a estar numa relação conjugal aquando da recolha de dados. Stevens e colaboradores (2001) também descobriu uma associação entre a divisão das tarefas domésticas e a satisfação conjugal, tanto em homens como mulheres, revelando que para o bem-estar e satisfação dos casais não seria necessária uma divisão igualitária, mas sim uma divisão em que ambos se sentissem confortáveis.

Relativamente ao mal-estar, todos os participantes mencionaram o peso associado às tarefas domésticas quando não há uma divisão equilibrada das tarefas, ficando certos indivíduos, independentemente de serem homens ou mulheres, sobrecarregados. As mulheres reforçaram que essa sobrecarga era habitualmente mais frequente na mulher do que no homem. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que evidenciam uma relação entre o tradicionalismo associado aos papéis de género e o *distress* em homens e mulheres (Stevens et al., 2001; Sweeting et al., 2013). Os resultados também revelaram uma maior associação entre o contributo nas tarefas domésticas e o mal-estar nas mulheres jovens do que nas mulheres seniores (Sweeting et al., 2013).

Um raciocínio apresentado por vários participantes foi que o diálogo dentro do casal ou da família seria importante para chegar a uma igualdade de género e isso contribuiria para relações intrafamiliares mais saudáveis e proporcionadoras de maior bem-estar. Nos resultados deste estudo, a *perceção de igualdade* foi associada ao bem-estar pelos participantes jovens,

contribuindo para uma *satisfação com o trabalho doméstico*, *satisfação no trabalho laboral*, *perceção de apoio recebido* e *união da família*. Por outro lado, a *perceção de desigualdade* foi relacionada com o mal-estar em mulheres jovens, sendo a mulher mais sobrecarregada nesta desigualdade, estando associada a *insatisfação com o trabalho doméstico*, *falta de tempo* do indivíduo sobrecarregado e *perceção de falta de apoio* dos demais. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que verificaram que uma distribuição desigual das tarefas domésticas proporciona menor satisfação (Queiroga, Magalhães & Nogueira, 2018). Contudo, outros autores relatam resultados contrastantes, mostrando que uma distribuição tradicional dos papéis de género ao nível das tarefas domésticas proporciona maior satisfação (Forste & Fox, 2012).

A perceção de apoio recebido surgiu associada tanto ao bem-estar e ao mal-estar, mas apenas nas mulheres. Mais concretamente, encontrou-se uma associação entre a *perceção de apoio recebido* e o bem-estar, ao nível da *perceção de apoio*, *boa relação com os filhos*, *satisfação conjugal*, *satisfação com o trabalho doméstico* e *fazer o bem*. Estes resultados sugerem que um maior bem-estar na mulher está associado ao apoio recebido por parte da família e dos que a rodeiam, seja esse apoio instrumental ou psicológico (Forste & Fox, 2012; Sagnier & Morell, 2019). Por outro lado, a perceção de insuficiente apoio recebido encontrou-se associada com o mal-estar nas mulheres, em particular ao nível das tarefas domésticas. Este resultado surge no sentido de estudos anteriores que notaram que o facto das mulheres fazerem mais tarefas domésticas e não serem apoiadas a esse nível está associado a mal-estar (Stevens et al., 2001).

Uma dimensão que surgiu apenas associada ao mal-estar, independentemente de geração e sexo, foi a *articulação trabalho-família*. Este resultado vem confirmar estudos anteriores, que expressam a dificuldade em conciliar vários papéis por um mesmo indivíduo (Kinnunen, Geurts & Mauno, 2004). Por outro lado, também vem expandir a literatura encontrada, uma vez que esta associação tinha sido encontrada apenas nas mulheres (Baxter & Western, 1998; Sagnier & Morell, 2019).

A questão da *falta de tempo* surgiu, em todos os grupos de participantes, relativamente ao mal-estar associado à *articulação trabalho-família*, aos *cuidados dos filhos* e à *divisão das tarefas domésticas*. Este resultado pode sugerir, novamente, que o bem-estar é afetado pela capacidade de gestão de tempo e pela articulação dos vários papéis que um indivíduo assume.

Um resultado que também merece atenção prende-se com o facto de o cuidado diário dos filhos ser associado ao mal-estar, por homens jovens e mulheres seniores – dois grupos de

participantes sem ligação aparente. Este resultado surgiu relacionado com a dificuldade de gestão do tempo, onde a esfera laboral retira tempo que poderia ser dedicado aos filhos.

Por fim, outra dimensão também associada ao bem-estar, apenas por homens jovens, foi a *importância da rede social*. Estes resultados surgem no sentido de que as relações interpessoais podem contribuir para o bem-estar do indivíduo, sejam essas relações oriundas de contextos comunitários (Shinn, 2007) ou relações laborais (Soraggi & Paschoal, 2011).

Conclusão

O presente estudo

Neste estudo destaca-se a expressão de um ideal de igualdade entre papéis de género, que é comum entre gerações e sexos. Contudo, os participantes relataram também que esse ideal nem sempre se verifica na prática. Nomeadamente, ao nível doméstico e na articulação trabalho-família, em que a mulher é sobrecarregada e onde, a nível laboral, o homem tem acesso a mais oportunidades.

Também se verificaram claras diferenças ao nível do tipo de investimento com os filhos, com as mulheres a serem apontadas como as principais responsáveis pelos cuidados diários dos filhos e os homens pela educação e disciplina dos mesmos. E, ainda, diferenças ao nível do poder, sendo referido, por todos os grupos de participantes, que o homem ocupa um lugar de superioridade em relação à mulher. Por sua vez, a mulher tende a adotar um papel de submissão, ainda que o mesmo seja contrastante com as expectativas de igualdade referidas por este grupo.

Os resultados relativos às dimensões apontadas ao género masculino e feminino não salientam diferenças entre gerações e sexos. Já na relação com o bem-estar, os resultados expressam distinções maiores, em especial entre sexos.

Relativamente à distribuição das tarefas domésticas, as mulheres relataram um maior bem-estar aquando de uma partilha dessas tarefas, enquanto os homens notaram que tanto a partilha como a contribuição menor do homem estariam associadas a um maior bem-estar. Quando essa distribuição partilhada não existe, todos os participantes associaram essa circunstância a mal-estar. No caso das mulheres, realça-se ainda a perceção de sobrecarga como um contributo para a vivência de mal-estar.

Este estudo também aponta para a associação da dificuldade de articulação trabalho-família ao mal-estar, salientada por todos os grupos de participantes, que sugere a dificuldade

dos indivíduos, tanto homens como mulheres, em responderem às exigências de vários papéis assumidos socialmente.

Por fim, este estudo também salienta uma relação entre maior bem-estar na mulher e percepção de apoio recebido por parte da família e dos outros que a rodeiam, seja este apoio instrumental ou psicológico, e uma associação entre mal-estar na mulher e falta de apoio recebido, em particular ao nível das tarefas domésticas.

Limitações

Uma das limitações desta investigação prende-se com o tipo de metodologia adotada. A entrevista semiestruturada, por se tratar de um instrumento de autorrelato, pode condicionar as respostas dos participantes. Para além disso, esta metodologia não permite contornar a desejabilidade social nas respostas dos participantes.

O guião da entrevista, que orientou a recolha de dados, poderá ter carecido de questões mais específicas que pudessem ter permitido a emergência de um maior leque de temas. Nesse sentido, o segundo objetivo deste estudo – conhecer a presença dos papéis de género nos sistemas em que os indivíduos estão inseridos, tendo por base o modelo bioecológico de Bronfenbrenner – foi pouco explorado.

Por fim, outra limitação diz respeito à amostra, constituída maioritariamente por mulheres e apenas por um homem sénior, o que levou a uma comparação entre grupos de amostra mais pobre.

Direções futuras

Em estudos futuros poderiam ser exploradas amostras com maior diversidade, por exemplo, com mais homens, com outras gerações, de contextos contrastantes (como rural *versus* urbano), com indivíduos em relações não heterossexuais, entre outras. Também poderiam ser explorados os papéis de género com crianças, de forma a conhecer a percepção destes e de que forma isso impacta nas suas escolhas, uma vez que a transmissão geracional e a educação para o género verificam-se desde criança.

Seria interessante acrescentar um carácter longitudinal ao estudo, que uma dissertação de mestrado não permite, para aprofundar possíveis mudanças ao nível das crenças e atitudes relativas aos papéis de género, realizando diversos momentos de recolha de dados.

Visto que o recrutamento da amostra se deu em instituições acadêmicas, seria útil devolver os resultados no sentido de apostar num espaço acadêmico que aborde os papéis de gênero. Desta forma, seria possível desmistificar tabus relacionados com o gênero e oferecer possibilidades de reflexão sobre as desigualdades de gênero encontradas e as suas consequências para o bem-estar pessoal, familiar e social. Contudo, esta promoção do diálogo e reflexão não poderia incutir ideologias em pessoas cujo bem-estar não estivesse a ser afetado por isso, apelando à capacidade de respeito perante realidades diversificadas.

Referências

- Amâncio, L., & Wall, K. (2004). Família e papéis de gênero: alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP). Comunicação apresentada no *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal*.
- Baxter, J., & Western, M. (1998). Satisfaction with housework: Examining the paradox. *Sociology*, 32(1), 101-120. doi: 10.1177/0038038598032001007
- Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, 88(4), 354-364. doi: 10.1037/0033-295X.88.4.354
- Best, D. L., & Foster, D. J. (2004). Gender and Culture. In C. Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of Applied Psychology* (pp. 51-63). Volume 2. Academica Press.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Braun, M., Lewin-Epstein, N., Stier, H., & Baumgärtner, M. K. (2008). Perceived equity in the gendered division of household labor. *Journal of Marriage and Family*, 70(5), 1145-1156.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531. doi: 10.1037/0003-066X.32.7.513
- Burke, P. J. (1991). Identity processes and social stress. *American Sociological Review*, 56, 836-849. doi: 10.2307/2096259
- Buunk, B. P., Kluwer, E. S., Schuurman, M. K., & Siero, F. W. (2000). The division of labor among egalitarian and traditional women: Differences in discontent, social comparison, and false consensus. *Journal of Applied Social Psychology*, 30(4), 759-779. doi: 10.1111/j.1559-1816.2000.tb02822.x

- Chrisler, J. C. (2004). Gender Role Development. In C. Spielberger (Ed.), *Encyclopedia of Applied Psychology* (pp. 85-90). Volume 2. Academica Press.
- Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego [CITE] (2012). *Situação da igualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho – 2011*. Lisboa: Governo de Portugal.
- Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego [CITE] (2017). *Relatório sobre o progresso da igualdade entre mulheres e homens no trabalho, no emprego e na formação profissional – 2016*. Lisboa: CITE.
- Dodson, T. A., & Borders, L. D. (2006). Men in traditional and nontraditional careers: Gender role attitudes, gender role conflict, and job satisfaction. *The Career Development Quarterly*, 54(4), 283-296. doi: 10.1002/j.2161-0045.2006.tb00194.x
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, 20(24), 213-225. doi: 10.1590/0104-4060.357
- Favero, M. H., & Maracci, I. L. (2016). A interlocução de narrativas: Um estudo sobre papéis de gênero. *Psicologia, teoria e pesquisa*, 32(2). doi: 10.1590/0102-3772e322220
- Felmlee, D. H. (1994). Who's on top? Power in romantic relationships. *Sex Roles*, 31(5-6), 275-295. doi: 10.1007/BF01544589
- Fernandes, M. D. M. (2009). Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(5), 705-710. doi: 10.1590/S0034-71672009000500009
- Fetterolf, J. C., & Rudman, L. A. (2014). Gender inequality in the home: The role of relative income, support for traditional gender roles, and perceived entitlement. *Gender Issues*, 31(3-4), 219-237. doi: 10.1007/s12147-014-9126-x
- Forste, R., & Fox, K. (2012). Household labor, gender roles, and family satisfaction: A cross-national comparison. *Journal of Comparative Family Studies*, 43(5), 613-631. doi: 10.1037/t55086-000
- França, A. L., & Schimanski, É. (2009). Mulher, trabalho e família: Uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, 9(1), 65-78.
- Guedes, R. N., Silva, A. T. M. C., & Coelho, E. A. C. (2007). Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 9(2), 362-378.
- Guerreiro, M. D. D., & Pereira, I. (2006). *Responsabilidade social das empresas, igualdade e conciliação trabalho-família: Experiências do prémio igualdade é qualidade*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

- Kaufman, G. (2000). Do gender role attitudes matter? Family formation and dissolution among traditional and egalitarian men and women. *Journal of Family Issues*, 21(1), 128-144. doi: 10.1177/019251300021001006
- Kinnunen, U., Geurts, S., & Mauno, S. (2004). Work-to-family conflict and its relationship with satisfaction and well-being: A one-year longitudinal study on gender differences. *Work & Stress*, 18(1), 1-22. doi: 10.1080/02678370410001682005
- Kulik, L. (2004). Predicting gender role ideology among husbands and wives in Israel: A comparative analysis. *Sex Roles*, 51(9-10), 575-587. doi: 10.1007/s11199-004-5467-3
- Luhaorg, H., & Zivian, M. T. (1995). Gender role conflict: The interaction of gender, gender role, and occupation. *Sex Roles*, 33(9-10), 607-620. doi: 10.1007/BF01547720
- Mickelson, K. D., Claffey, S. T., & Williams, S. L. (2006). The moderating role of gender and gender role attitudes on the link between spousal support and marital quality. *Sex Roles*, 55(1-2), 73-82. doi: 10.1007/s11199-006-9061-8
- Newsom, J. S. (Produtor e Realizador). (2015). *The mask you live in* [Documentário]. Estados Unidos da América: The Representation Project.
- O'Heron, C. A., & Orlofsky, J. L. (1990). Stereotypic and nonstereotypic sex role trait and behavior orientations, gender identity, and psychological adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(1), 134-143. doi: 10.1037/0022-3514.58.1.134
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise social*, 447-474.
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., Perista, P., & Quintal, E. (2016). *Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal: Policy brief*. Lisboa: CESIS e CITE.
- Pernas, G., Fernandes, M., & Guerreiro, M. D. D. (2008). *Guião para a implementação de planos de igualdade na administração pública local*. Lisboa, ISCTE.
- Pimenta, S. S. A. (2011). *Trabalho-Família: uma questão de equilíbrio? Relações com o conflito, a facilitação e contributos para a satisfação e bem-estar psicológico*. Tese de Mestrado em Ciências da Família, Instituto de Ciências da Família; Universidade Católica Portuguesa.
- Piña, D. L., & Bengtson, V. L. (1993). The division of household labor and wives' happiness: Ideology, employment, and perceptions of support. *Journal of Marriage and the Family*, 55, 901-912. doi: 10.2307/352771
- Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: Práticas, normas e ideais. *Análise Social*, 35(156), 695-719.

- Poeschl, G. (2010). Desigualdades na divisão do trabalho familiar, sentimento de justiça e processos de comparação social. *Análise psicológica*, 28(1), 29-42.
- Poeschl, G. A., Ribeiro, R., & Oliveira, N. (2018). Princípios organizadores, habitus e práticas familiares. *Cadernos de Pesquisa*, 48(167), 70-99.
- Poeschl, G., & Silva, A. (2001). Efeito das crenças nas diferenças entre sexos na percepção e no julgamento das práticas familiares. *Psicologia*, 15(1), 93-113. doi: 10.17575/rpsicol.v15i1.492
- Queiroga, S., Magalhães, S. I., & Nogueira, C. (2018). Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos. *Estudos Feministas*, 26(3), 1-19. doi: 10.1590/1806-9584-2018v26n346791
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4.^a edição). Gravida.
- Ribeiro, M. T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, L., Cunha, V., & Wall, K. (2015). *Policy brief I: Homens, papéis masculinos e igualdade de género*. Lisboa: ICS-UL e CITE
- Sagnier, L., & Morell, A. (2019). *As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Shinn, M. (2007). Contextos comunitários favoráveis ao bem-estar. *Análise Psicológica*, 25(1), 35-61.
- Soraggi, F., & Paschoal, T. (2011). Relação entre bem-estar no trabalho, valores pessoais e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 11(2), 614-632. doi: 10.12957/epp.2011.8397
- Stevens, D., Kiger, G., & Riley, P. J. (2001). Working hard and hardly working: Domestic labor and marital satisfaction among dual-earner couples. *Journal of marriage and family*, 63(2), 514-526. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00514.x
- Stier, H., & Lewin-Epstein, N. (2007). Policy effects on the division of housework. *Journal of Comparative Policy Analysis*, 9(3), 235-259. doi: 10.1080/13876980701494657
- Sweeting, H., Bhaskar, A., Benzeval, M., Popham, F., & Hunt, K. (2013). Changing gender roles and attitudes and their implications for well-being around the new millennium. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 49(5), 791-809. doi: 10.1007/s00127-013-0730-y

- Taylor, M., & Segrin, C. (2010). Perceptions of parental gender roles and conflict styles and their association with young adults' relational and psychological well-being. *Communication Research Reports*, 27(3), 230-242. doi: 10.1080/08824096.2010.496326
- Van de Vijver, F. J. R. (2007). Cultural and gender differences in gender-role beliefs, sharing household task and child-care responsibilities, and well-being among immigrants and majority members in the Netherlands. *Sex Roles*, 57(11-12), 813-824. doi: 10.1007/s11199-008-9481-8
- White, J. B., & Gardner, W. L. (2009). Think women, think warm: Stereotype content activation in women with a salient gender identity, using a modified Stroop task. *Sex Roles*, 60(3-4), 247-260. doi: 10.1007/s11199-008-9526-z
- Whitley, B. E. (1985). Sex-role orientation and psychological well-being: Two meta-analyses. *Sex Roles*, 12(1-2), 207-225. doi: 10.1007/BF00288048
- Wolfram, H. J., Mohr, G., & Borchert, J. (2009). Gender role self-concept, gender-role conflict, and well-being in male primary school teachers. *Sex Roles*, 60(1-2), 114-127. doi: 10.1177/1060826517719543
- Woodhill, B. M., & Samuels, C. A. (2003). Positive and negative androgyny and their relationship with psychological health and well-being. *Sex Roles*, 48(11-12), 555-565. doi: 10.1023/A:1023531530272
- World Economic Forum (2018). *The Global Gender Gap Report 2018*. Cologny (Suíça): World Economic Forum. Disponível em: wef.ch/gggr18

Apêndice I – Dimensões emergidas nos dados

Tabela 1. Dimensões de género, ordenadas pelo número total de referências encontradas na análise. “Nref.” representa o número total de referências dessa dimensão; “H%” representa a percentagem de homens a referir essa dimensão; “M%” representa a percentagem de mulheres a referir essa dimensão; “Jo%” representa a percentagem de jovens a referir essa dimensão; e “Se%” representa a percentagem de seniores a referir essa dimensão.

Dimensões de género			Nref.	H%	M%	Jo%	Se%
Gestão doméstica	Divisão das tarefas domésticas	Assumir as tarefas	225	100	100	100	100
		Não assumir as tarefas	38	25	73	50	71

Relação com a comunidade		Diálogo para dividir as tarefas	25	50	73	75	57
		Pessoa externa a fazer as tarefas	4	0	36	13	43
		Não ter capacidades para fazer as tarefas	3	0	27	13	29
	Divisão do poder	Quem tem o poder	56	100	91	100	86
		Quem toma as decisões	26	75	64	75	57
		Diálogo para um consenso nas decisões	18	50	73	75	57
		Ser superior	16	25	45	75	0
		Ser submisso/inferior	14	25	36	63	0
	Contributo e gestão financeira		34	100	91	88	100
	Trabalho	Articulação trabalho-família	86	100	91	88	100
		Relações laborais	19	100	55	100	29
		Orientação vocacional	15	25	36	50	14
		Assumir cargos de liderança	10	25	36	38	29
		Oportunidades	8	25	18	25	14
		Competências	6	25	9	0	29
		Ser ouvido	6	0	18	25	0
		Rendimentos	5	0	45	38	29
	Importância da rede social		44	75	73	88	57
	Preconceitos		28	75	45	63	43
	Ter segurança quando está sozinho/a		5	0	27	38	0
	Expectativa de encontrar um parceiro		4	25	18	38	0
Relação com o outro	Prestação de cuidados/apoio	Cuidar dos filhos	82	100	100	100	100
		Cuidar de alguém doente	15	0	55	0	86
	Perceção de apoio recebido		62	50	73	63	71
	Educar/disciplinar os filhos		41	100	73	75	86

	Fazer o bem	26	50	82	50	100
Percepção de igualdade/desigualdade	Igualdade	114	100	82	100	100
	Desigualdade	59	100	100	100	71
Identidade	Ser respeitador	30	100	82	100	71
	Cuidado com a imagem	14	75	27	63	14
	Ser correto/a	12	25	36	38	29
	Seguir as leis	11	100	27	63	29
	Ser trabalhador	10	25	55	38	57
	Ser vulnerável	10	0	18	25	0
	Ter maior sensibilidade	10	0	55	38	43
	Ser fiel	6	25	18	13	29
	Ser um bom exemplo	6	0	18	0	29
	Ser independente	6	50	18	38	14
	Ser dependente	5	25	18	38	0
Transmissão geracional		54	75	64	100	29
Liberdade de escolha/expressão		36	0	45	63	0
Percepção de justiça/injustiça	Justiça	24	100	91	100	86
	Injustiça	11	25	45	38	43

Tabela 2. Dimensões de bem-estar distribuídas por fatores contribuidores e indicadores, ordenadas pelo número total de referências encontradas na análise. “Nref.” representa o número total de referências dessa dimensão; “H%” representa a percentagem de homens a referir essa dimensão; “M%” representa a percentagem de mulheres a referir essa dimensão; “Jo%” representa a percentagem de jovens a referir essa dimensão; e “Se%” representa a percentagem de seniores a referir essa dimensão.

Dimensões de bem-estar – Bem-estar		Nref.	H%	M%	Jo%	Se%
Fatores contribuidores	Percepção de apoio	25	25	64	38	71
	Fazer o bem	18	0	55	13	71
	Relações saudáveis	16	100	55	75	57
	Respeito	14	50	55	88	14
	Manutenção da rede social	11	25	36	38	29
	Percepção positiva do <i>self</i>	7	0	36	13	43
	Ser sereno e resiliente	9	25	27	25	29
	Meio envolvente confortável	15	100	45	63	57
	Equilíbrio trabalho-família	14	50	27	25	43
	Não ter prolemas de saúde					
	Ser independente					

Indicadores	Liberdade de escolha	8	0	27	38	0
	Satisfação conjugal	35	25	64	38	71
	Relações familiares saudáveis	13	50	55	75	29
	Boa relação com os filhos	8	50	27	13	57
	Sentimentos positivos	50	100	82	100	71
	Meio envolvente confortável	29	75	73	100	43
	Satisfação no/com o trabalho	12	50	45	38	57
	Satisfação em casa	41	100	82	100	71
	Satisfação com o trabalho doméstico	13	50	36	38	43
	Sentimento de realização	9	25	36	25	43
	Satisfação com atividades realizadas					

Tabela 3. Dimensões de mal-estar distribuídas por fatores contribuidores e indicadores, ordenadas pelo número total de referências encontradas na análise. “Nref.” representa o número total de referências dessa dimensão; “H%” representa a percentagem de homens a referir essa dimensão; “M%” representa a percentagem de mulheres a referir essa dimensão; “Jo%” representa a percentagem de jovens a referir essa dimensão; e “Se%” representa a percentagem de seniores a referir essa dimensão.

Dimensões de bem-estar – Mal-estar		Nref.	H%	M%	Jo%	Se%
Fatores contribuidores	Meio envolvente constrangedor	26	50	36	63	14
	Julgamento da sociedade	12	25	36	50	14
	Conflito trabalho-família	5	0	27	38	0
	Falta de segurança	11	75	45	75	29
	Desrespeito	11	25	45	25	57
	Dificuldades relacionais	10	25	64	50	57
	Falta de entendimento/diálogo	27	100	55	75	57
	Percepção de falta de apoio	12	25	36	13	57
	Falta de tempo	11	50	45	75	14
	Problemas de saúde	10	0	55	25	57
Indicadores	Percepção negativa do <i>self</i>	6	25	18	25	14
	Solidão	41	75	91	75	100
	Imposições parentais	25	75	64	75	57
	Insatisfação com o trabalho doméstico	14	50	36	25	57
	Sentimentos negativos	14	0	9	0	14
	Insatisfação conjugal	11	50	18	38	14
	Sintomas depressivos	6	25	18	25	14
	Insatisfação no/com o trabalho					
	Injustiça devida a desigualdades					